

## **Rodrigo Cunha: sólida solidão na cena contemporânea**

Sandra Makowiecky<sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Santa Catarina

**RESUMO:** O seminário leitura de imagens promove a discussão teórica em torno da problemática da significação dos mais variados objetos da visualidade, propondo reflexões sobre as diferentes linguagens visuais. O presente trabalho discorrerá sobre a obra do artista Rodrigo Cunha, cuja poética concentra-se predominantemente na pintura centrada na representação da figura humana. As imagens são dispositivos capazes de unir pontos distantes. Pensamos em apresentar Rodrigo Cunha e outros artistas distantes no tempo e contemporâneos a ele, onde a potência do olhar se dará na impulsão dos trabalhos conjuntos, para abordar a solidão na cena contemporânea, um tema que assola nossas cidades.

**Palavras Chave:** Rodrigo Cunha, solidão na cena contemporânea, arte e cidade.

Você já sentiu uma “sólida solidão”? Já sentiu a esse estado em que a pessoa não se sente parte de um todo, em um isolamento não apenas físico, mas emocional, em que não nos identificamos com o mundo que está a nossa volta? Poderia ser esse sentimento que perpassa as obras de Rodrigo Cunha? Uma sólida, fixa, constante, densa e espessa incomunicabilidade, solidude, isolamento? A generalização do sentimento de solidão é surpreendente. Vários estudos internacionais indicam que mais de uma em cada três pessoas nos países ocidentais sente-se sozinha habitualmente ou com frequência.

Sabemos que as “cidades solitárias” se aproximam da praga contemporânea da solidão em um mundo hiperconectado, o anseio insatisfeito de se conectar realmente, o crescente medo do mundo físico. Vários artistas já se debruçaram sobre o tema, a começar pelos Estados Unidos, que retrataram ou sofreram diferentes tipos de solidão e que encontraram na arte uma via para romper a barreira, para comover, comunicar. Os icônicos quadros de Edward

---

<sup>1</sup> Professora de Estética e História da Arte do Centro de Artes da UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis – Santa Catarina – Brasil e do Programa de Pós- Graduação em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - Seção Brasil Aica UNESCO. Membro do Comitê Brasileiro de História da arte. Associada da ANPAP. E-mail: Sandra.makowiecky@gmail.com

Hopper, a solidão multitudinária de Andy Warhol, a vida nas margens de David Wojnarowicz ou o estranho Henry Darger que demonstraram nos anos cinquenta a necessidade de afeto e calor mesmo que isso cause danos – para exaltar a empatia como única cura possível e defender a tolerância frente à diferença. A sensibilidade extrema é um grande problema dos artistas, mas isto também os torna capazes de ver e sentir de maneira mais penetrante, estas facetas da vida.

Rodrigo, nascido em 1976, natural de Florianópolis, formou-se em pintura e gravura pela UDESC em 2002. O artista diz ter uma relação passional com a cidade onde nasceu, sobretudo com o centro da cidade e seu fluxo de pessoas. O flunar nos calçadões centrais ou nas ruas periféricas causam a ele forte impressão, pois foi o cenário de seus dias de infância e hoje é o palco da vida na rua, ao ar livre, tão relegada em favor das praças de shoppings. A obra “Avenida Central” ( figura 1), escolhida para dar início a este texto, expressa esta questão.



Figura1.Rodrigo Cunha. Avenida Central. 50x40 cm, óleo sobre tela, 2007. Acervo da Agência de Fomento do Estado de Santa Catarina S.A. BADESC.

No segundo semestre de 2005, Rodrigo foi um dos quatro artistas de Santa Catarina selecionados na terceira edição do concurso Rumos Itaú Cultural Artes Visuais, que é referência no País sobre a produção emergente em arte contemporânea. Em todo o País foram selecionados 78 artistas de um total de 1.342 inscritos. O projeto Rumos Itaú Cultural Artes Visuais objetivava mapear, diagnosticar e fomentar a produção visual no País. O mapeamento foi feito por meio de editais de inscrição e visitas durante três meses de curadores aos ateliês dos artistas, que procuraram escolher os que estão em início de carreira e com futuro promissor. A pesquisadora Aracy Amaral, curadora da Bienal de São Paulo, e que também ajudou na seleção dos artistas do projeto do Banco Itaú, disse que através do concurso foi possível detectar que a produção emergente no Brasil é apolítica, mas demonstra preocupação com a arquitetura, urbanismo e design. Constatou-se também, segundo ela, que expressões manuais como desenho vinham perdendo força, *“pois há muitos artistas trabalhando com imagens de segunda geração, como fotografia e vídeo”*<sup>2</sup>. Estas observações são do ano de 2005, mas seguem atuais.

Neste caso, Rodrigo configura uma exceção, pois ele pinta e a pintura, hoje, às vezes parece ser uma linguagem na contramão. Seus quadros retratam a figura humana sob uma perspectiva realista, em cenas intimistas, cercadas por um silêncio enorme, por uma sólida solidão. A ausência de ação dos solitários personagens pintados em cômodos vazios pode ser uma impressão, pois as cenas levam o espectador a sair de sua passividade e a elaborar narrativas e explicações a partir de elementos mínimos de ação,

---

<sup>2</sup> Disponível em vídeo em <  
<http://www.itaucultural.org.br/rumos-artes-visuais-20052006-paradoxos-brasil>>. Acesso em 18 abr.2019.

“como o crisar dos dedos ou um gole de café”<sup>3</sup>, nas falas do artista, tudo subliminarmente escondido num aparente ócio.

Ao dizer que retrata a vida em sua crua realidade, em várias entrevistas, Rodrigo talvez possa nos mostrar aspectos que insisto em ver – talvez a insistência na obra que se apresenta metafísica, com elementos reduzidos à essência, queiram servir como movimento de resistência contra a apatia e a amnésia geradas por panorama de excessos, estabelecido pela cultura da mídia eletrônica e cibernética. Por que estas imagens limpas, quase sem elementos? Rodrigo disse em entrevista para Carol Macário (2012), que foi a Londres a estudo, visitar a exposição em comemoração aos 90 anos de Lucian Freud (figura 4) e que se postou demoradamente diante do autorretrato de Rembrandt de 1669 (figura 5), que considerou o mais o mais pungente dentre todos eles, do retrato de Felipe IV de Velásquez (figura 3) e de alguns retratos de autoria de John Singer Sargent (figura 2), para ele, uma intensiva aula de virtuosidade na pintura. Podemos seguir estes rastros, como um detetive e ver nas imagens que o artista se deteve, possíveis constelações em seu repertório plástico.

---

<sup>3</sup> MACARIO, Carol. Artista catarinense Rodrigo Cunha fala de sua última exposição em São Paulo, “O Mundo de Dentro” (2012). Disponível em <<https://ndmais.com.br/entretenimento/artista-catarinense-rodrigo-cunha-fala-de-sua-ultima-exposicao-em-sao-paulo-ldquo-o-mundo-de-dentro-rdquo/>>. Acesso em 18 abr.2019



Figura 2. John Singer Sargent. *Miss Elsie Palmer*, 1889. 1890. Óleo sobre tela. 190.8 x 114.6 cm Colorado Springs Fine Arts Center, Colorado Springs



Figura 3. Velásquez. Retrato de retrato de Felipe IV. 1628. Óleo sobre tela. 198 cm x 101,5 cm. Museu do Prado, Madrid.





Figura 4. Lucien Freud. The Painter's Mother Resting, 1976 Private Collection, Ireland. S.d.

Figura 5. Rembrandt. Óleo sobre tela . 86 x 70, 5 cm. Autorretrato de 1669. National Gallery, Londres.

O que podemos ver em comum entre as obras citadas pelo artista e as obras de Rodrigo Cunha ( figuras 1, 6, 7,8 e 9 ) ?



Figura 6. Rodrigo Cunha. Serão no estúdio ( after Freud). 2012. Óleo sobre tela. 140 x 140 cm. Galeria Zipper.



Figura 7. Rodrigo Cunha. Anoitecer. 2005. Óleo sobre tela. Coleção Particular. S.d.



Figura 8. Rodrigo Cunha. O Tao feminino. 2018.  
Óleo sobre tela. S.d.



Figura 9. Rodrigo Cunha. Rodrigo Cunha.  
Colecionador de paisagens. 2011. Óleo sobre  
tela. 70 x 60 cm

A poética de Rodrigo Cunha concentra-se predominantemente a pintura centrada na representação da figura humana. A obra requer poética e crítica, o fazer e o avaliar. A poética é normativa e operativa. É um programa de arte, expresso num manifesto ou explícito no exercício da atividade artística. Traduz em termos normativos e operativos um gosto pessoal ou histórico. Esse gosto é a espiritualidade do artista e de sua época refletida na arte. Assim, a pintura de Rodrigo Cunha mostra-se em planos que parecem deslizar os elementos para fora da tela, personagens que habitam a imaginação do artista desnudam sua privacidade, em poses em cômodos fechados. Ao representar, como pano de fundo, telas dentro de suas telas, o artista promove ainda um diálogo entre sua pintura e as de outros movimentos artísticos.

Muitas coisas são perceptíveis e saltam aos olhos. Um jovem artista que ao olhar obras do passado, aprende com os grandes mestres que o antecederam, lança novas luzes sobre este passado e o reatualiza, trazendo-os ao seu momento presente. Nada melhor do que uma obra de arte para compreender outra. Os museus e exposições sugerem, de modo voluntário ou não, o exercício comparativo. Não resta dúvida que a melhor forma de aprender arte é estudar o vocabulário das artes, conhecer obras e artistas. O que então aproxima estes artistas citados de Rodrigo Cunha? Formalmente, o fundo chapado, as poses hieráticas, os olhares, o distanciamento, o silêncio, as cores chapadas, cenários que beiram ao metafísico e estranhamento. E no entanto, muito tempo os distancia.

Os corpos que aparecem na obra de Rodrigo Cunha estão na mesma corrente da geração 90, em que as implicações de um interesse pelas questões do corpo são complexas. Estes acabam replicando um campo ilimitado de experimentações, muitas vezes catárticas e autobiográficas, em que o corpo é mutante, simulacro das descobertas da ciência, da solidão que assola a vida urbana. Percebemos também anonimato ou a mostra da privacidade em perigo – esta é imbuída de tonalidades pessoais, íntimas. Desse embate entre a relação íntima de identidade que o artista tenta estabelecer com seu espectador e o grau de anonimato em que as relações



humanas passam gradativamente a operar, nasce um confronto que toma corpo. No retrato contemporâneo da vida nas cidades, figuram imagens solitárias e amedrontadas, muitas vezes procurando sentido num emaranhado de sentimentos de tédio e impotência, insegurança, abandono, deslocamento. O cotidiano nas grandes cidades também se coloca como pano-de-fundo para um artificialismo que permeia as relações humanas. A Obra de Rodrigo evoca também muita espiritualidade - artistas contemporâneos da nova geração perseguem a espiritualidade, que se traduz no conceito, na temática, na mensagem e no sentido de trabalhos. Sua obra produz estranhamento, uma sensação de incômodo de se olhar no espelho e não se reconhecer, talvez ligadas à situação do ser humano contemporâneo, inserido na sociedade da informação exacerbada, sufocado pelas situações impostas pela realidade cotidiana das cidades. Uma crise de identidade em que o indivíduo perde seu centro, tanto de si quanto do seu lugar no mundo. Podemos ver também preocupação com a narrativa mesmo que estruturada de maneira indireta. Parece que Rodrigo incorpora e comenta a vida em suas grandezas e pequenezas, em seus potenciais de estranhamento e em suas banalidades, suscitando histórias com o sentido e a mensagem dos trabalhos, evidenciando preocupação com o sentido que pode se concentrar em questões formais e na compreensão da realidade. É perceptível também, uma necessidade de explicitar algum tipo de posicionamento diante do mundo. Rodrigo é de fato de uma geração que se engaja em tentativas de restabelecer na arte um sentido, uma mensagem, uma conexão com o observador para nele incitar algum tipo de postura diante do mundo e da vida. Pode ser tudo isso, porque Rodrigo, em entrevista para exposição na UFSC, em 2006 falou: *“Meu envolvimento com as artes começa pelo prazer de pintar e assim dar significado ao presente”*<sup>4</sup> . Continua o artista na mesma reportagem, dizendo que :

As imagens que trago para o público são extratos diretos da realidade, sem grandes preocupações decorativas, se ocupando mais com o fato do que com a alegoria. Crio um “tipo” de imagem que pode ser reconhecida através da pintura Holandesa do séc. XVII ou de certos pintores

---

<sup>4</sup> Mostra de pinturas de Rodrigo Cunha na Galeria de Arte da UFSC. ( 2006). Disponível em < <https://noticias.ufsc.br/2005/02/mostra-de-pinturas-de-rodrigo-cunha-na-galeria-de-arte-da-ufsc/>>. Acesso em 21 abril.2019.

ingleses, como *Gainsborough* ou *Lucian Freud*, pois retratam não a fantasia mas a vida em sua crua realidade, seja ela pitoresca, exuberante ou trágica ( CUNHA, 2006)

Indicado ao Premio PIPA, em 2014, evidencia uma carreira em ritmo constante. O Prêmio PIPA é uma iniciativa do Instituto PIPA. Foi criado em 2010 para ser o mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais e tem como meta, divulgar a arte e artistas brasileiros e estimular a produção nacional de arte contemporânea, motivando e apoiando novos artistas brasileiros (não necessariamente jovens), além de servir como uma alternativa de modelo para o terceiro setor. Os artistas são indicados pelo Comitê de Indicação.

As obras de Rodrigo causam estranhamento. Rosalind Krauss (1998), nos fala sobre estranhamentos que provocam ao espectador, diversos artistas e suas obras. A sensação de desconforto que causam não é algo novo na arte, nem características de um só grupo de artistas, ou período específico. É algo que há muito se percebe, que vai e volta, um sintoma que muitos artistas deixam atravessar seus fazeres artísticos. O observador é obrigado a reconhecer, então, dois fatos: *“Estas são as minhas coisas, os objetos que uso diariamente”*; e *“eu me pareço com eles”* (KRAUSS, 1998, P. 274). Não há dúvida que nos identificamos com as obras de Rodrigo Cunha. Ele fala de nosso tempo.

As obras aqui mencionadas e expostas, mostram uma arte que traz o espanto, são ações onde não é a admiração do espectador que o artista procura, é um incômodo, um desconforto, a sensação de que algo ali não está dentro dos “moldes”, passou dos limites da arte. Então desconforto e estranhamento com certeza fazem parte deste repertório. Assim como fazer com que seu espectador se sinta constrangido, subitamente tenso. Estranhamento é uma sensação que pode ser causada de diversas formas, pelo espanto, pela aversão, pela admiração. Diversos artistas têm usado desta percepção em suas poéticas, nem todos pelo desconforto, mas a maioria deixando o espectador pasmo frente sua obra. O estranhamento muitas vezes vem pelo inusitado, por paradoxos que encantam e surpreendem, pois vão do

singularmente admirável, inaudito, ao repugnante e repulsivo. Estranhamentos que causam surpresa pela singularidade a que se propõem. Mostramos alguns exemplos que repetem um procedimento que não é novo na arte, é um sintoma que retorna, como um recalque. *“Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, [...] uma eternidade contra a permanência. Sob todos aspectos a repetição é a transgressão”* (DELEUZE, 1988, p. 24). Um recurso que muitos artistas utilizam como forma de atingir um pensamento, uma reflexão, um incômodo que precisa ser trabalhado e materializado, e que só através da arte pode ser desdobrado e repensado. Conforme Deleuze (1988, p. 15), *“[...] a descoberta, em todos os domínios, de uma potência própria de repetição, potência que também seria a do inconsciente, da linguagem, da arte”*. A repetição a que o autor se refere é o sintoma revelado na arte, é o estranhamento como sensação primeira frente à obra. O autor diz que são “repetições com diferenças”, que a repetição “remete a uma potência singular”, Constatamos isso em diversos exemplos de trabalhos que operam por esta via e são citados neste artigo, obras completamente diferentes entre si, mas com uma linha condutora de percepções muito próxima, que faz com que estas imagens possam constar da mesma constelação. *“A tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença”* (DELEUZE, 1988, p. 16).

As obras de arte são únicas, sem dúvida, mas por meio de nossas percepções e observações, fazem parte de um tecido amplo de e com outras obras. As semelhanças e analogias em arte, criam uma substância maior do que os limites materiais das obras.

Semelhanças e analogias criam uma substância artística maior do que seus limites materiais. Essas obras não são feitas apenas de um original. Delas fazem parte, como elemento constitutivo profundo, e não como sucedâneos desprovidos de alma, a reprodução, a marca deixada na memória, todas as formas de representação, ou antes, de re-representação, todas as formas de associações presididas pela semelhança. Material e imaterial, a obra é tudo isso, é feita de tudo isso ( COLI, 2010 b.)

Em “Elogio das trevas” ( 1993, p. 58) , Jorge Coli escreveu: “ *as obras de arte gostam da nossa atenção. Mais e mais a elas nos consagramos, mais e mais elas nos devolvem sentidos ocultos, inimaginados. E com isso fogem constantemente do rigor classificatório*”. Iniciamos com este pensamento para dizer que não nos interessa aqui estabelecer um rigor classificatório. Entendemos, como o autor, que a obra de arte tem um “núcleo que nos fala”, ou seja, ela é também pensante. Além de sua materialidade, a obra encontra-se, segundo Coli: “*aquém e além da visão: alguém, na sua autonomia de objeto; além, na sua existência que se situa paralela ao mundo da experiência*”. Entendendo a arte não como forma, nem como objeto, mas como pensamento Jorge Coli ( 2010 b) diz que partindo da obra, somos levados a deduzir que uma obra de arte condensa um pensamento, e que esse pensamento não é o pensamento do artista: é o pensamento da obra. As obras de arte desencadeiam, graças à materialidade de que são feitas, pensamentos sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens. Esses pensamentos, incapazes de serem formulados com conceitos e frases pela própria obra, provocam comentários, análises, discussões, que se alteram ao infinito, conforme o interlocutor, conforme o repertório de quem a contempla. Nesta ótica, o próprio artista é também um interlocutor, como os demais que a contemplam. A obra se torna sujeito pensante, um ser autônomo em relação a seu próprio criador e nessa perspectiva, falamos de semelhanças e diferenças, de analogias e proximidades, de estranhamentos permitidos.

## REFERÊNCIAS

COLI, Jorge. Elogio das trevas. In: BARBOSA, A.M.T.B; FERRARA, Lucrecia D'Alessio; VERNASCHI, E. ( Org). O ensino das artes nas universidades. São Paulo: Editora da USP, 1993.

\_\_\_\_\_. Arte e pensamento. In: FLORES, M.B.R.; VILELA, A.L. ( org). Encantos da imagem ( estâncias para a prática historiográfica entre história e arte). Florianópolis, Letras contemporâneas, 2010 a.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a ideia de semelhança, de artista e de autor nas artes - Exemplos do século XIX. 19&20, Rio de Janeiro, v. V, n. 3, jul. 2010 b. Disponível em: <<http://www.dezenovevinte.net/ha/coli.htm>>.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KRAUSS, Rosalind E. *Caminhos da Escultura Moderna*. SP: Martins Fontes, 1998.

MAKOWIECKY, S.; GARCEZ, L. . Sobre o estranhamento na arte: retorno e repetição. In: Nadja de Carvalho Lamas; Alena Rizi Marmo Jahn. (Org.). *Arte e cultura: passos, espaços, territórios*. 1ed. Joinville: Editora da Univille, 2012, v. 1, p. 173-187.

MARTIN, Jean-Hubert. O estranhamento do outro e a perversão das influências ocidentais. In: BIENAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO. *Catálogo da Exposição Universalis da 23ª Bienal de São Paulo*. São Paulo: A Fundação, 1996. p. 82.

#### WEBGRAFIA

Mostra de pinturas de Rodrigo Cunha na Galeria de Arte da UFSC. ( 2006). Disponível em <  
<https://noticias.ufsc.br/2005/02/mostra-de-pinturas-de-rodrigo-cunha-na-galeria-de-arte-da-ufsc/>>. Acesso em 21 abri.2019.